

# SERRA-PILAR

www.serradopilar.com | 1 Tempo Comum 12.01.2025 | ano 50 | 2392

**96 ANOS**

O Verdadeiro Almanaque  
**BORDA D'ÁGUA**  
 Relatório útil a toda a gente

Para **2025** (Comum)  
 Contendo todos os dados astronómicos e religiosos  
 e muitas indicações úteis de interesse geral



**CALENDÁRIO PARA 2025**

JANEIRO			FEVREIRO			MARÇO		
D.	—	3 12 26	D.	—	2 9 19 23	D.	—	2 9 19 23 30
S.	—	6 13 20 27	S.	—	5 12 17 24	S.	—	5 12 17 24 31
T.	—	7 14 21 28	T.	—	4 11 18 25	T.	—	4 11 18 25 —
Q.	—	8 15 22 29	Q.	—	6 13 20 27	Q.	—	6 13 20 27 —
Q.	—	9 16 23 30	Q.	—	7 14 21 28	Q.	—	7 14 21 28 —
S.	—	4 11 18 25 31	S.	—	1 8 15 22 28	S.	—	1 8 15 22 28 —
ABRIL			MAIO			JUNHO		
D.	—	6 13 20 27	D.	—	4 11 18 25	D.	—	1 8 15 22 29
S.	—	7 14 21 28	S.	—	5 12 19 26	S.	—	2 9 16 23 30
T.	—	8 15 22 29	T.	—	6 13 20 27	T.	—	3 10 17 24 —
Q.	—	9 16 23 30	Q.	—	7 14 21 28	Q.	—	4 11 18 25 —
Q.	—	10 17 24 31	Q.	—	8 15 22 29	Q.	—	5 12 19 26 —
S.	—	4 11 18 25 31	S.	—	2 9 16 23 29	S.	—	7 14 21 28 —
JULHO			AGOSTO			SETEMBRO		
D.	—	6 13 20 27	D.	—	3 10 17 24 31	D.	—	1 8 15 22 28
S.	—	7 14 21 28	S.	—	4 11 18 25	S.	—	2 9 16 23 29
T.	—	8 15 22 29	T.	—	5 12 19 26	T.	—	3 10 17 24 30
Q.	—	9 16 23 30	Q.	—	6 13 20 27	Q.	—	4 11 18 25 —
Q.	—	10 17 24 31	Q.	—	7 14 21 28	Q.	—	5 12 19 26 —
S.	—	4 11 18 25 31	S.	—	1 8 15 22 29	S.	—	6 13 20 27 —
OUTUBRO			NOVEMBRO			DEZEMBRO		
D.	—	7 14 21 28	D.	—	3 10 17 24 30	D.	—	1 8 15 22 29
S.	—	8 15 22 29	S.	—	4 11 18 25	S.	—	2 9 16 23 30
T.	—	9 16 23 30	T.	—	5 12 19 26	T.	—	3 10 17 24 31
Q.	—	10 17 24 31	Q.	—	6 13 20 27	Q.	—	4 11 18 25 —
Q.	—	11 18 25 31	Q.	—	7 14 21 28	Q.	—	5 12 19 26 —
S.	—	4 11 18 25 31	S.	—	1 8 15 22 29	S.	—	6 13 20 27 —

**EDITORIAL MINERVA**  
 RUA LUZ SORIANO, 31-33 • 1200-246 LISBOA • Tel. 21 347 1622  
 RUA DA ALEGRIA, 30 • 1250-007 LISBOA • Tel. 21 322 4950 • Fax 21 322 4952

**PREÇO - € 3,00** (IVA incluída)

# o juízo do ano

**Q**UEM SE HABITUOU A LER O “VERDADEIRO ALMANAQUE DO BORDA D’ÁGUA” sabe que o ano de 2025 se inicia sob os auspícios do planeta Júpiter, normalmente associado ironicamente ao humor, à verdade, à sabedoria e à confiança. E lá para o fim de janeiro, teremos o Ano Novo chinês, sob a evocação da Serpente. Contudo, defrontamo-nos com muitas dúvidas e a incertezas. Estamos perante a mesma perplexidade descrita por Stefan Zweig, no seu inesquecível e perturbador *O Mundo de Ontem – Recordações de um Europeu* (1942). “Tudo na nossa democracia austríaca quase milenar parecia construído para durar sempre, sendo o próprio Estado o garante supremo dessa estabilidade. (...) O sentimento de segurança era o tesouro mais desejado por milhões de pessoas o ideal da vida comum”. Todavia, com a eclosão da Primeira Grande Guerra, em 1914, subitamente, tudo se precipitou, sem que os analistas supostamente mais conhecedores pudessem prever. Nem as relações familiares entre os monarcas e imperadores, nem a ilusão de que a solidariedade proletária impediria um confronto bélico puderam impedir a cegueira bárbara, de ferro e fogo, insuspeitada nos meios sofisticados.

Hermann Broch descreveu lucidamente, no início dos anos 30, a evolução desse tempo, de um modo que nos impressiona, em *Os Sonâmbulos*. Tudo começa em 1888, em plena *Belle Époque*, depois da guerra franco-prussiana, em torno da personagem romântica de Joachim von Pasenow, das suas dúvidas e hesitações em tudo na vida; continuando, em 1903, com August Esch, um livreiro luxemburguês que se move nas margens do Reno, mas que se sente inseguro num mundo de anarquia e decadência, que desrespeita os valores tradicionais nos

negócios e nos amores; e termina no ano de 1918, quando a guerra devastadora fez os seus efeitos, num ambiente de desordem e de vazio de valores. Wilhelm Huguenau, comerciante de vinhos alsaciano, simboliza um estranho realismo que é o ponto zero dos valores, o egoísmo sem qualquer forma de remorso. As três histórias ligam-se num pesadelo e num sonambulismo absurdos, dominados por um vazio de valores éticos, pela tragédia da guerra, pelo salve-se quem puder, pela derrota alemã e por uma tentação totalitária que profeticamente se anuncia. Usando a mesma ideia, o historiador Christopher Clark em *Os Sonâmbulos – Como a Europa entrou em Guerra em 1914* (Relógio d'Água) vem dizer-nos que foi a cegueira de muitos governantes que determinou um conjunto de decisões desastrosas que culminaram numa guerra de violência inaudita, que teve como consequência a queda de quatro impérios e a abertura de um período de ressentimento e de terror que duraria até 1945. Ao relermos tais obras apercebemo-nos de que tudo pode acontecer, perante a acumulação de erros evitáveis. E hoje o adensar das nuvens negras em tudo se assemelha a esses outros tempos. Acumulam-se ódios, perde-se a memória dos valores éticos e dos compromissos necessários. Miguel Monjardino tem razão em falar de um vazio histórico e de uma cegueira imediatista. E em lugar da partilha de responsabilidades cívicas inventam-se tótemes ou falsas tábuas de salvação. A tentação das vitórias imediatas e a vertigem das novas conquistas territoriais escondem a acumulação de fatores que destroem a confiança e a força mediadora das instituições.

GOM

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/o-juizo-do-ano-1801145>

# Não afogar o amor solidário

**O** AMOR É A ENERGIA QUE DÁ VERDADEIRA VIDA À SOCIEDADE. Em cada civilização existem forças que geram vida, verdade e justiça, e forças que causam morte, mentiras e indignidade. Nem sempre é fácil detetá-lo, mas na raiz de cada impulso da vida está sempre o amor.

Por isso, quando numa sociedade se afoga o amor, afoga-se ao mesmo tempo a dinâmica que conduz ao crescimento humano e à expansão da vida. Daí a importância de cuidar socialmente do amor e de lutar contra tudo o que o possa destruir.

Uma forma de matar o amor pela raiz é a manipulação das pessoas. Na sociedade atual, proclama-se em voz alta os direitos da pessoa, mas depois os indivíduos são sacrificados ao desempenho, à utilidade ou ao desenvolvimento do bem-estar. O que acontece então é aquilo a que o pensador americano Herbet Marcuse chamou «a eutanásia da liberdade». Cada vez há mais pessoas que vivem uma «não-liberdade confortável, cómoda, razoável e democrática». Vive-se bem, mas sem conhecer a verdadeira liberdade nem o amor.

Outro risco para o amor é o funcionalismo. Na sociedade da eficácia, o importante não são as pessoas, mas a função que desempenham. O indivíduo fica facilmente reduzido a uma engrenagem da máquina: no trabalho é um empregado; no consumo, um cliente; na política, um voto; no hospital, o número da cama... Nesta sociedade as coisas funcionam; as relações entre as pessoas morrem.

Outra forma frequente de afogar o amor é a indiferença. O funcionamento da sociedade moderna concentra os indivíduos nos seus próprios interesses. Os outros são uma «abstração». Publicam-se estudos e estatísticas por detrás dos quais se esconde o sofrimento das pessoas concretas. Não é fácil sentir-nos responsáveis. É a administração pública que se tem de ocupar com esses problemas.

Que podemos fazer cada um de nós? Perante tantas formas de falta de amor, o Batista sugere uma posição clara: «Quem tem duas túnicas, que as reparta com quem não tem nenhuma; e o que tem comida que faça o mesmo». O que podemos fazer? Simplesmente partilhar mais o que temos com aqueles que vivem em necessidade.